



## O acionamento do passado em efemérides jornalísticas: análise da editoria de cultura do Nexo Jornal

Anna Cavalcanti<sup>1</sup>

**Resumo:** Entendemos que as efemérides presentificam o passado ao retomar ciclicamente ganhos temporais significantes para a memória coletiva. Partindo disso, neste artigo, propomos analisar de que forma a memória é acionada no jornalismo cultural por meio das efemérides. Analisamos, então, a editoria de cultura do Nexo Jornal durante o período de julho de 2018, onde encontramos, ao todo, seis efemérides nas notícias publicadas. Foi realizada uma Análise de Conteúdo sobre esse material, o qual apontou para um passado que articula historicamente o contexto nas matérias. Percebeu-se que, mesmo inserido em um veículo nativo digital, o jornalismo cultural ressalta, por meio das efemérides, o anacronismo a partir da retomada de um passado longínquo, o qual é recuperado sob um prisma distinto do jornalismo factual diário.

**Palavras-chave:** efeméride; jornalismo cultural; memória; temporalidades; Nexo Jornal.

### 1. Introdução

A partir de um enquadramento intrinsecamente periódico, a temporalidade jornalística regula condutas diárias e, também, produz memória fazendo referência a um presente de fatos que ocorreram no passado ou estão transcorrendo. Assim, o jornalismo, enquanto instituição social (FRANCISCATO, 2005), é uma referência fundamental para o entendimento dos tempos que circulam e serve como um quadro dentro do qual os grupos sociais podem construir seu próprio senso de tempo público, uma dimensão da

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Fabico/UFRGS). E-mail: annacavalcanti@gmail.com.

vida coletiva através da qual as comunidades humanas passam a ter o que é assumido como passado, presente e futuro padronizado e perceptualmente compartilhado.

O imperativo de um tempo jornalístico acelerado é enfatizado em um artigo fundante sobre o tema, publicado em 1977 por Peter Schlesinger. O autor defende que a estrutura de competição que define a notícia como uma mercadoria perecível exige uma estrutura de produção baseada no valor do imediatismo e nos horizontes temporais de um ciclo diário. Assim, para os jornalistas, o domínio da pressão temporal seria um meio de manifestar seu profissionalismo enquanto membros de uma cultura cronometrizada. Seguindo a linha apresentada aqui, Schlesinger (1993, p. 179) afirma que essa coerção exemplificada na rotina jornalística “deriva em parte da disciplina temporal exercida progressivamente sobre os trabalhadores com o desenvolvimento do capital industrial”. Percebida sob o ponto de vista temporal, a notícia é definida por características efêmeras e transitórias, sendo altamente deteriorável.

Schlesinger (1993) explica que a forma cultural básica de estruturação da notícia é baseada na ideologia profissional já existente, contudo, situa o que ele chama de documentário como uma forma estrutural distinta, onde o imediatismo não é um critério premente. Para o autor, “as notícias são virtualmente foreground com muito pouco background” (SCHLESINGER, 1993, p. 187). É necessário pontuar aqui que a ideia de notícia aferida pelo autor faz referência direta ao que convencionalmente chamamos de hard news, ou seja, há uma objetividade no relato de um acontecimento que, ainda sob um primeiro plano, pode ser inteligível sobre sua relevância. Esse *background* citado pode ser entendido como o contexto – algo relacional ao acontecimento, que tem potencial de retomar o passado. Identifica-se, assim, que as notícias, em geral, priorizam o *foreground* em detrimento do *background*, ainda que seja possível acontecer de forma diferente.

Desejando compreender melhor de que forma o jornalismo atua na mediação desse sentido de *background*, propomos este artigo para compreender de que forma a efeméride jornalística é mediada no jornalismo cultural contemporâneo. Enquanto acionamento temporal que retoma fatos passados no presente, enfatizando datas de morte ou nascimento, consideramos a efeméride um marcador jornalístico válido para analisar como a memória é acionada no jornalismo. Para isso, realizamos uma Análise de Con-

teúdo (BARDIN, 2011) sobre a incidência de efemérides ao longo do mês de julho de 2018, na seção de cultura do periódico digital Nexo Jornal.

## 2. O presente enquanto temporalidade referencial no jornalismo

Quando pensamos na notícia como forma de conhecimento (PARK, 2008), identificamos que há um saber com valor de utilização que baixa rapidamente com o passar do tempo, ou seja, um conhecimento efêmero, que pode significar muito hoje e praticamente nada no dia seguinte. O imediatismo, enquanto base da temporalidade jornalística, age como medida possível contra essa deteriorabilidade, criando uma sucessão de novidades que constroem essa sensação de que há sempre algo a ser visto.

Schlesinger (1993) identifica que o sistema de ciclos ao longo da rotina diária noticiosa tende para a abolição da consciência histórica ao criar uma perpétua série de primeiros planos – os *foregrounds* –, à custa do aprofundamento e do *background*. Indo além sobre essa relação entre a temporalidade e o aprofundamento noticioso, Schlesinger (1993, p. 190) pontua que “há uma parcialidade evidente nas notícias contra o longo prazo, e é plausível argumentar que, quanto mais tomarmos nota das notícias, menos conscientes ficaremos do que está por detrás delas”. Ou seja, ainda em 1977, o autor identificava a preferência pelo curto prazo, argumentando que, enquanto leitores, ao priorizarmos o primeiro plano, o superficial, não damos espaço para uma leitura crítica e processual dos eventos.

Franciscato (2005), pensando a respeito da construção da experiência social do presente formulada pelo jornalismo, propõe cinco categorias descritivas das relações temporais desencadeadas: instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública. O sentido predominante de instantaneidade que as experiências do jornalismo têm desenvolvido, segundo o autor, refere-se “a uma desejada ausência de intervalo de tempo entre a ocorrência de um evento e a sua transmissão e recepção por um público” (FRANCISCATO, 2005, p. 114).

Essa ausência de intervalo relativa ao que é imediato nos leva à percepção de uma transmissão jornalística que se dá de forma simultânea a um evento. Especialmente quando acompanhamos o desenrolar de um determinado acontecimento pela televisão

ou pelas mídias sociais, temos uma sensação verificada pela simultaneidade de não haver um desencaixe entre o tempo do mundo e o tempo da produção jornalística. Ou seja, existe um desejo do jornalismo em colar ambas as experiências temporais, transportando-nos ao frenético tempo do evento.

Sobre a periodicidade, valor seminal do jornalismo, Franciscato (2005, p. 137) explica que a produção e a divulgação de notícias de forma regular indicou o “surgimento de uma necessidade social de que a sociedade fosse abastecida por notícias em períodos regulares e com intervalos de tempo cada vez mais curtos”. De regularidades semestrais e mensais, chegamos aos minutos e segundos de repercussão simultânea. Assim, a periodicidade é um modo de ordenar o tempo social com a capacidade de controlar e normatizar, orientando regularidades e intervalos de publicação. É importante salientar também que essa forma de criar periodizações, ou seja, de fragmentar eventos em cortes temporais, tornou-se parte do ato de construir o fato jornalístico.

Ao ir ao encontro dessa ideia de emergência, de consumir notícias de modo regular cada vez mais rapidamente, a periodicidade se relaciona diretamente com a novidade. O sentido de ineditismo, um atributo quase fundamental à notícia, opera na “tensão entre a emergência do ‘novo’ e a continuidade que dá o sentido tanto para o ‘novo’ como uma face específica do objeto quanto nos orienta para entendermos e constituirmos modos de definir o que seria algo aceito coletivamente como ‘novo’” (FRANCISCATO, 2005, p. 155). No dever de corresponder a uma expectativa social pela novidade, a qualificação de um determinado acontecimento como “inédito” dá noticiabilidade a ele, ainda que outros fatores não contribuam para a sua divulgação.

Em muitos casos ocorre que esse inédito é sempre o mesmo, porém reconfigurado com o objetivo de atender a demanda pelo novo jornalístico. Essa categoria da novidade conduz, então, a uma relação do novo ao tempo presente, tendo em vista que

ele [o novo] é a afirmação de que algo está brotando ou irrompendo em um ambiente ou se tornando publicamente conhecido recentemente, seja porque ele orienta (o jornalista e o leitor) a reconhecerem este grau de originalidade e singularidade num movimento social específico. O novo está inevitavelmente ligado ao ‘agora’, que é um incisivo marcador temporal do presente (FRANCISCATO, 2005, p. 156).

Esse sentido de agora que se constrói no presente acionado pelo jornalismo é fruto de uma construção precária e incompleta pois está preso a rotinas e estruturas, práticas dentro ou fora de uma redação que refletem limites possíveis de atuação do jornalista. Os sentidos de brotar e irromper ganham ainda mais vigorosidade quando pensados atualmente, na emergência das atualizações que, de fato, irrompem na tela dos dispositivos móveis. Essa experiência social do tempo formulada pelo jornalismo, do evento como algo que irrompe, modula não apenas a forma que nós lemos as notícias, mas como lemos o mundo – reiteradamente permeado e mediado pelo jornalismo.

A condição de obsessão pelo presente condiciona a dificuldade do discurso jornalístico em lidar com o passado e configurar o futuro. Como entende-se que o passado cessou de ser, acredita-se que ele não é ou não deve ser conservado. Insistimos, então, na narrativa do presente, questionando-nos se o passado deixou de existir ou, simplesmente, deixou de ser útil. É interessante observar a partir dessa discussão que, apesar de haver uma relação muito próxima entre jornalismo e tempo, amplamente estabelecida, existe um sentido temporal que vem sendo negligenciado ou banalizado: o passado.

### **3. O passado como principal marcador temporal no jornalismo de cultura**

Em contato frequente com o campo artístico, divulgando e debatendo temáticas como literatura, artes visuais, música, cinema e muitas outras, identificamos que a produção do jornalismo cultural depende, em sua maioria, de uma temporalidade processual, a qual reflete experiências frutivas de formação, tanto por parte do leitor quanto do jornalista. Isso se revela porque tanto a subjetividade quanto a abordagem analítica estão presentes no jornalismo cultural, manifestas pela centralidade da crítica e suas características inatas de rever e visitar um tema. Os jornalistas culturais são, então, tanto *gatekeepers* quanto – ou talvez mais – criadores de gostos. Sua tarefa não é apenas mediar o conhecimento, mas avaliar eventos para inseri-los em um mapa cultural.

Dessa forma, bem como o jornalismo em si, o gênero cultural é essencial na formulação da memória coletiva, fazendo circular e recircular temas. Considerando que

as memórias de um indivíduo nunca são só suas e que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade, a memória é entendida como uma construção de grupos sociais, os quais determinam o que é digno de ser memorável. Para Halbwachs (2006), é na medida que nosso pensamento individual figura nos quadros sociais e participa dessa memória que somos capazes de lembrar. Sua teoria da memória possui um duplo aspecto, demonstrando, por um lado, que a memória individual se realiza em um quadro social e, por outro, enfatiza as manifestações da memória coletiva, a forma pela qual os grupos humanos conservam a lembrança de seu passado.

Sob a perspectiva da memória coletiva, reconhecemos nas efemérides procedimentos típicos nas rotinas planejadas, reconhecidas enquanto amplificadores de uma memória que é constantemente reiterada e reinterpretada no âmbito jornalístico. Enquanto recurso para atualizar a memória coletiva em torno de determinados temas, efemérides, celebrações e comemorações são constantemente trabalhadas sob o lugar de um jornalismo que recupera um sentido de passado, enquanto rememoração.

Edy (1999) sugeriu que jornalistas usam a memória coletiva nas notícias com a função de comemorar, de produzir analogias históricas e para marcar eventos atuais em contextos longitudinais. Segundo Neiger, Zandberg e Meyers (2014), a presença mais evidente do passado nas notícias ocorre quando a cobertura se concentra propositalmente em sua comemoração. Essa maneira de reportar, demonstrada pelo chamado “jornalismo de efeméride” (Kitch, 2002) posiciona o passado no centro do processo de notícias desse tipo.

Dessa forma, o conceito de memória coletiva é abordado, geralmente sob a descrição narrativa do passado que ganha enlevo na ideia do que é lembrado. Contudo, quando discutimos esse conceito, devemos levar em conta, de acordo com Neiger, Meyers e Zandberg (2014), que “a memória coletiva não é uma simples narrativa do passado, mas um processo bidirecional – entre o passado e o presente – de concretização de uma narrativa do passado em uma construção funcional, política e social”<sup>2</sup>.

A atenção crescente dada pelo jornalismo americano à necessidade de implicar contexto às notícias reflete, de acordo com Schudson (2014), um maior senso de com-

---

<sup>2</sup> “Collective memory is not merely a narrative of the past, but rather a ‘(1) multi-directional process (between the past and present) of (2) concretizing a (3) narrative of the past into a (4) functional, (5) social-political construct’” (tradução nossa).

plexidade do mundo, tanto a quem lê quanto aos que escrevem. Sob uma perspectiva mais ampla da memória coletiva, o autor demonstra que o trabalho jornalístico não diz respeito apenas à reconstituição dos últimos acontecimentos, mas necessita ajustá-los em um quadro social coerente aos leitores. Assim, o sentido de memória coletiva vinculado ao jornalismo ganha ênfase ao proporcionar uma compreensão contextualizada e coerente do mundo que o rodeia – não apenas tendo contribuição quando relacionado às efemérides comemorativas.

Para Schudson (2014), o passado é rememorado no jornalismo de forma distinta das efemérides de três formas: primeiro, pode-se usar a história para aumentar ou intensificar o valor-notícia de um acontecimento – mostrando que o evento que estão cobrindo é relativamente raro e sem precedentes. Em segundo lugar, pode-se recontar o passado de um evento para ajudar a tornar o acontecimento compreensível. A terceira forma como os jornalistas fazem uso da memória não comemorativa é quando eles cobrem algum momento do drama humano em que indivíduos ou grupos, eles mesmos, empregam práticas não-comemorativas que possuem noticiabilidade.

O primeiro motivo sugerido por Schudson (2014) chama a atenção do leitor ou do espectador para a história, para a excepcionalidade de um determinado acontecimento; na segunda razão, a explicação é fundamental para o público entender o acontecimento. Ambos os modos de retomar o passado influenciam muitas narrativas noticiosas essencialmente pelo caráter contextual que conduzem, algo cada vez mais raro em meio às altas demandas de produtividade jornalística. Dessa forma, identificamos que ocorre um aparente esgarçamento temporal que se polariza: enquanto a produtividade de notícias diz respeito a um presente inesgotável, a memória coletiva tende a focar na lembrança do passado – contudo, conforme explica Tenenboim-Weinblatt (2011), ambas as narrativas sociais envolvem complexas relações do passado com o presente, conforme situamos anteriormente.

É relacionando-se a esse tema que a autora sugere o conceito de memória reversa: a prática jornalística de focar no presente enquanto comemora-se um passado compartilhado. Apontando casos em que o passado é comemorado por meio de uma narrativa do presente, três tipologias no uso do passado são exemplificadas: o passado enquanto currículo; o passado enquanto ponto de referência; e o passado enquanto foco da co-

bertura. No primeiro, a autora explica que embora as notícias diárias se concentrem no “aqui e agora”, elas estão sempre ancoradas no conhecimento prévio dos leitores.

Mesmo, então, que uma conexão não se manifeste diretamente, todas as notícias estão, de fato, relacionadas a um passado que fornece um *background* mais profundo contra o qual os assuntos atuais se desenrolam e os eventos e as tendências futuras são explicados. Sobre o passado enquanto ponto de referência, Tenenboim-Weinblatt (2014) simplifica fazendo referência às notícias que utilizam o passado como um ponto de referência para o presente. Nesses casos, os eventos passados são conscientemente importados para o presente, a fim de proporcionar um contexto significativo. A terceira tipologia, que diz respeito ao passado enquanto foco da cobertura, retrata basicamente as comemorações ou, conforme situamos, as efemérides jornalísticas.

Para Zelizer (2008), a memória é incorporada ao jornalismo de três formas principais: quando a estrutura jornalística a convida, quando cede à ela e quando a necessita. Segundo a autora, o jornalismo necessita ou requer a memória quando reescreve ou revisita antigos acontecimentos, como nas típicas efemérides comemorativas.

Nesses casos, os jornalistas não teriam uma história se não voltassem no tempo. Olhar para trás, então, é o que torna o tratamento jornalístico noticiável. Muitas vezes, os temas de notícias olham para trás simplesmente porque atender ao assunto força o relacionamento com o passado. [...] Aqui, o jornalismo é conduzido por estruturas mnemônicas que existem porque podem facilmente produzir mais notícias<sup>3</sup> (ZELIZER, 2008, p. 83).

Ainda que a produção de memória a partir da narrativa jornalística seja constante ou que, como menciona Palacios (2014), o jornalismo seja memória em ato, Zelizer (2008) destaca que essas três formas distintas de acionamento da memória se dão a partir de relações distintas com o passado. No caso em que descreve aqui, a autora não aponta para a presentificação de um passado que reflete algo que aconteceu há pouco, mas refere-se a algo mais antigo que perdura e, mesmo sem o sentido vigoroso de atualidade, é altamente noticiável.

---

<sup>3</sup> In such cases, journalists would not have a story were they not to go back in time. Looking backward, then, is what makes the journalistic treatment newsworthy. Often news topics look backward simply because attending to the topic forces an engagement with the past. Here, journalism is driven by mnemonic forms that exist because they can easily produce more newsworthy. Dependent on periodic reinstatement, these include various kinds of commemorative discourse, retrospective issues and other modes of anniversary journalism (tradução nossa).



A forma, então, como o jornalismo cultural estrutura a memória se dá a partir de enquadramentos em profusão do presente, propondo uma rememoração contínua do passado. É a partir dessa percepção que nos preocupamos aqui com dimensões de tempo e memória implicadas nas narrativas jornalísticas que, sob acionamentos temporais específicos, corroboram para a construção das efemérides. Entendemos que, por meio delas, a memória pode ser acionada de forma menos instantânea dentro da narrativa noticiosa.

Ancorada sob uma temporalidade mais processual, a notícia pode ser mais “durável” e permitir que o sentido de atualidade de um determinado fato seja alargado a partir de um acionamento temporal diferenciado, que permita ao presente se distender do passado ao futuro. De que forma, então, o jornalismo cultural poderia atuar corroborando para um tempo que não seja estruturado por marcas particulares de instantes factuais? Veremos a seguir a partir da análise.

### **3. Análise das efemérides no Nexo Jornal**

Partindo do referencial apresentado anteriormente, identificamos, ao longo do mês de julho de 2018, um período profícuo para uma análise dos acionamentos temporais na editoria de Cultura do Nexo Jornal a partir da seção Expresso. O objeto escolhido apresenta-se como um jornal digital “para quem busca explicações precisas e interpretações equilibradas sobre os principais fatos do Brasil e do mundo”. Ao fazer isso, o Nexo toma para si o papel de veículo jornalístico que vai explicar e interpretar os acontecimentos ao leitor, situá-lo melhor do seu entorno social. É inserido como veículo da mídia independente brasileira, não exibe publicidade em seu site e, desde setembro de 2016, é requisitada a assinatura mensal para ter acesso a todo o conteúdo.

Para realizar essa análise partimos de um mapeamento de todas as notícias publicadas ao longo do mês de julho de 2018 na seção de cultura do jornal, referentes à editoria Expresso. A partir dessa pré-análise, contabilizamos, ao todo, 50 notícias diversas, as quais contemplam múltiplas referências temporais. Desejamos, com isso, verificar a incidência de efemérides no jornalismo cultural do Nexo ao longo de um mês.

Identificamos, em meio ao todo, a partir da leitura minuciosa de cada uma, um total de seis notícias que têm como tema principal a efeméride. Para tornar a visualização mais clara, optamos por dispô-las na tabela a seguir (Tabela 1).

<b>Data de publicação</b>	<b>Título</b>	<b>Linha de apoio</b>	<b>Data do evento</b>
02/07	Como a obra de Athos Bulcão integra a arte à arquitetura	Google homenageia centenário do artista cujas obras estão em prédios de Brasília e de outras cidades no Brasil e no mundo	02/07/1918 (efeméride relativa ao centenário do pintor)
04/07	A invenção que mudou o ato de criar e consumir música no século 20	Surgimento da fita magnética faz 90 anos em 2018. Casetes voltaram a ser fabricados nos últimos anos, no Brasil e no exterior	1928 (efeméride de lançamento da fita magnética)
04/07	O incêndio que há 40 anos destruiu quase todas as obras do MAM Rio	Com causas até hoje não definidas, fogo consumiu obras de artistas como Picasso, Matisse, Salvador Dalí, Portinari e Di Cavalcanti	08/07/1978 (efeméride relativa ao dia do incêndio)
23/07	O protagonismo da arquitetura nos filmes de Alfred Hitchcock	Em clássicos como ‘Psicose’ e ‘Intriga internacional’, lugares e construções são fundamentais para a trama e a ambientação psicológica	1958 (efeméride de lançamento do filme Um Corpo que Cai)
24/07	As fotografias feitas por Stanley Kubrick antes de se tornar cineasta	Com 17 anos, o celebrado diretor de ‘2001’ ganhou sua primeira câmera e foi trabalhar como fotógrafo registrando cenas de Nova York	26/07/1928 (efeméride de aniversário de Kubrick – 90 anos)
28/07	Anime Akira faz 30 anos. Por que a obra é um clássico	Sônia Luyten, especialista em cultura pop japonesa, fala ao ‘Nexo’ sobre a relevância do mangá criado por Katsuhiro Otomo	1988 (efeméride de lançamento do mangá Akira)

**Tabela 1** – Efemérides encontradas no mapeamento do mês de julho de 2018

Para tornar mais claro ao que a efeméride faz referência, deixamos explícita a data da publicação de cada uma das notícias, o título, a linha de apoio e a data para a qual a efeméride aponta, a depender do que é acionado.

Ao fazermos a leitura de cada uma das efemérides, identificamos que o passado é um tempo propositivo quando, ao ser retomado no presente, carrega extrema relevância noticiosa sobre as temáticas que aciona, orientando condutas e mobilizando discussões. Ao entendermos o presente dos fatos passados como a própria memória, marcamos a relevância duracional de eventos que permaneceram relevantes após anos e, portanto, são acionados nas notícias. Esses passados distantes, acionados pelas efemérides, rememoram décadas de distância da data em que as notícias foram publicadas: 1918, 1928, 1958, 1978, 1988, todos recuperados pelo ano de 2018. Assim, essas datas remotas temporalmente, – algo que, em tese, iria promover um efeito de distanciamento entre o indivíduo e o mundo – ganha uma outra perspectiva quando acionado no presente, a partir de um referencial contextual que aciona a memória coletiva.

Identificamos, então, que há um sentido de passado presentificado que articula historicamente o contexto nas matérias, dando mais enlevo ao *background* do que ao *foreground*, para retomar as palavras de Zelizer (2014) e Schlesinger (1993). No jornalismo cultural, o passado é convocado constantemente para que se entenda o presente, e essa relação é valiosa pois entendemos que, sim, é preciso convidar e retomar sempre mais o passado para que se entenda realmente o que move o presente. Se, para Zelizer (2014), o *background* é a própria memória acionada, compreendemos que na editoria de cultura encontramos um espaço de resistência ao imediatismo e de reverência à rememoração.

A efeméride conecta a atualidade a um fato ocorrido no mesmo dia, mês ou ano do passado. Ao marcar um tempo mais longo, ela resgata aspectos sobre uma data situada no passado que deve ser lembrada no instante presente, fazendo com que memórias desse passado ecoem no tempo atual. Essa espécie de “jornalismo comemorativo” (ZELIZER, 2008), muito presente no segmento cultural mais especificamente, é um recurso para atualizar a memória em torno de determinados temas, reinserir pautas, personagens e produtos na economia da oferta dos bens culturais.

Por meio do gancho jornalístico marcador de um movimento cíclico, como os aniversários de nascimento e as celebrações de datas, esses eventos tornam-se rituais de interpretação do passado. Dessa maneira, para que se faça um resgate histórico, e o assunto seja contemplado em toda a sua dimensão, são necessários textos mais aprofundados e que, muitas vezes, exigem um repertório intelectual prévio do leitor. Essa característica é relevante especialmente quando traçamos um paralelo com o jornalismo factual que prioriza o presente.

Pensando nessas temporalidades distintas, entendemos que a efeméride é um valor-notícia essencial ao jornalismo cultural por fazer recircular temas que, frente à lógica do imediatismo contemporâneo, talvez não viessem à tona em editorias que dispõem de um tempo mais curto para a construção da pauta. Ao recorrer às efemérides, o Nexo dá poder de contemporaneidade ao passado – lembrando Jeudy (2005) –, ressignifica temas e sentidos a partir de um marcador temporal que aciona tempos idos.

Em “A invenção que mudou o ato de criar e consumir música no século 20”, de 04/07, e “As fotografias feitas por Stanley Kubrick antes de se tornar cineasta”, de 24/07, temos exemplos de efemérides marcantes. A primeira explicita o aniversário de 90 anos da fita magnética já na linha de apoio; a segunda, contudo, desvela-se logo no primeiro parágrafo: efeméride relativa aos 90 anos de nascimento do diretor Stanley Kubrick. É importante destacar que, segundo Tenenboim-Weinblatt e Neiger (2015), esse passado distante ao qual se referem as notícias é exatamente o que se refere ao chamado “jornalismo de efeméride” (KITCH, 2002), quando o impulso da cobertura é refletido por comemorações, contextualizações mais profundas e efeitos ritualísticos – aspectos que vimos contemplados nas seis notícias aferidas.

Nas efemérides analisadas, as camadas temporais se sobrepõem entre passado e presente, assim, o passado é contemporâneo do presente que ele foi. Contudo, o que retorna nesse tipo de matéria deriva de um crescente conteúdo que igualmente se sobrepõe, ou seja: há um acúmulo de informações que se dá também pelo acúmulo temporal, de memórias que se justapõem e consolidam uma determinada efeméride. Dessa forma, o Nexo, ao privilegiar a efeméride em seis textos ao longo de um mês, coloca-se como um arquivo no qual os jornalistas podem republicar textos e fotos anteriores, consolidando um significado duradouro sobre essas temáticas.

Ao agir dessa forma, eles não apenas revisitam o passado, mas o reformulam. Essa reformulação contextualiza o passado dentro do presente e o presente dentro do passado, criando uma narrativa de memória. Nesta visão, esse jornalismo que rememora é uma criação dialógica de jornalistas e leitores, que juntos constroem memória coletiva compartilhada com base na passagem do tempo; e a efeméride também vai ganhando forma e conteúdo com o avançar dos anos. Essas formas de acionar a memória, relativas ao contexto, à diacronia e à efeméride levam, em muitos casos, a uma dimensão atemporal de construção da noticiabilidade.

Apesar de se destacar como um nativo digital, o caráter colecionável – comum entre as publicações impressas de cultura – se mantém no Nexo Jornal pela sua atemporalidade noticiosa na editoria de cultura. A ideia de coleção, característica em suplementos e almanaques, consolida-se pelo descolamento do presente daquilo que é noticiado. Dessa maneira, se uma determinada matéria não se detém especificamente a um tema corrente, presente, qual é objetivamente o vínculo temporal dela?

O que até então compreendemos é que essas referências ao passado permitem aos leitores um entendimento melhor do presente ao construir conexões, sugerir inferências, oferecer analogias e fornecer explicações. A partir desse deslocamento temporal do presente, ao acionar uma temporalidade distinta da convencionalmente retratada pelo jornalismo factual, percebemos então uma distinção na construção da ideia de acontecimento no jornalismo cultural. Dessa maneira, entendemos que independente da data em que forem publicadas, a maior parte das notícias analisadas aqui – para além de terem ou não um acionamento temporal nítido – não precisam de vinculação temporal para serem dotadas de relevância. A relevância é a próprio passado, o ocorrido, que é acionado.

### **Considerações finais**

O presente pretendido pelo jornalismo cultural, pode-se dizer, não reflete o momento de um evento, mas condensa uma possibilidade temporal ainda não decifrada no jornalismo: a produção de um conteúdo que pode durar. Identificamos, então, que os temas noticiados são desenvolvidos e apresentados através do tempo, por meio do tempo, sob uma dimensão processual da temporalidade jornalística.

Sabemos que, a todo instante, o presente presentifica fatos passados, determinantes para a fundamentação daquilo que se apresenta como surgindo no momento atual. É importante ressaltar que, apesar de se referir a distintas temporalidades, o jornalismo insiste em uma narrativa que opta pelo uso do tempo verbal do presente do indicativo. Dessa maneira, à revelia de múltiplos efeitos que simulam e instituem um sentido de presente, buscamos identificar como a efeméride aciona a memória no jornalismo.

Entendemos que ao revisar um assunto e reescrever sobre eventos “antigos”, dando atenção e tempo a eles, o jornalismo cultural do Nexa não volta ao passado apenas para consulta. Identificamos que, ao acionar um passado que se refere a eventos que ocorreram com décadas de distância da notícia veiculada, o interesse não se concentra no acontecimento que irrompe, na novidade, no inesperado ou na proximidade. Nas seis notícias analisadas relativas ao mês de julho, os jornalistas não teriam uma notícia se não voltassem no tempo – e voltar, aqui, não significa fazer uma leitura dinâmica do dia anterior – mas identificar a relevância no inusitado, no diacrônico, naquilo que se desenvolve e ganha potencial com o transcorrer do tempo. No jornalismo cultural, a forma narrativa exige, demanda a memória.

Se o tempo do jornalismo é o agora, o atual, que coloca ocorrido e leitor em um mesmo cenário, esse presente, a todo momento, presentifica fatos passados, determinantes para a fundamentação daquilo que se apresenta como surgindo no instante atual, ainda que uma ação pareça ocorrer exclusivamente no presente. Contudo, qual passado é destacado nessa presentificação? É importante ressaltar que esse passado, em geral, remonta a fatos cada vez mais imediatos e instantâneos, diz de acontecimentos que ocorrem poucas horas ou até minutos antes de ser noticiado. Contudo, neste artigo, nos encontramos com um passado longínquo, o qual é recuperado sob um prisma distinto da retomada factual diária.

A efeméride, por sua vez, presentifica o passado em ritmo cíclico e constrói a memória no espaço jornalístico efêmero. Esse possível anacronismo, muito presente no segmento cultural mais especificamente, revela a capacidade de acionar o passado por meio de uma mediação temporal mais alargada, que faz referência a temas, pessoas ou obras que não necessariamente fariam parte da agenda do momento.

## Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- EDY, Jill A. Journalistic uses of collective memory. **Journal of Communication**, v.49(2), p. 71–85, 1999.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A Fabricação do Presente**. Aracaju: Ufs, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das Cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- KITCH, Carolyn. Anniversary journalism, collective memory, and the cultural authority to tell the story of the american past. **Journal of Popular Culture**, v.36 (1), 2002, p.44-67.
- NEIGER, Motti; ZANDBERG, Eyal; MEYERS, Oren. Reversed Memory: Commemorating the past through coverage of the present. In: ZELIZER, Barbie; TENNEBOIM-WEINBLATT, Keren. (orgs). **Journalism and Memory**. London: Palgrave Macmillan, 2014, p. 113–131.
- PALACIOS, Marcos. Memória: jornalismo, memória e história na era digital. In: Canavilhas, João. (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros Labcom, 2014.
- PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- SCHLESINGER, Philip. Os jornalistas e a sua máquina do tempo. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Veja, 1993, p. 177-190.
- SCHUDSON, Michael. Journalism as a vehicle of non-commemorative cultural memory. In: ZELIZER, Barbie; TENNEBOIM-WEINBLATT, Keren. (eds). **Journalism and Memory**. London: Palgrave Macmillan, 2014, p. 85–97.
- TENNEBOIM-WEINBLATT, Keren. Journalism as an agent of prospective memory. In: NEIGER, Motti; MEYERS, Oren; ZANDBERG, Eyal (eds). **On Media Memory: collective memory in a new media age**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011, p. 213–25.
- TENNEBOIM-WEINBLATT, Keren. Counting time: journalism and the temporal resource. In: ZELIZER, Barbie and TENNEBOIM-WEINBLATT, Keren. (eds). **Journalism and Memory**. London: Palgrave Macmillan, 2014, p. 97–113.
- TENNEBOIM-WEINBLATT, Keren; NEIGER, Motti. Print is future, online is past: Cross-media analysis of temporal orientations in the news. **Communication Research**, v. 42(8), 2015, p. 1047-1067.
- ZELIZER, Barbie. Why memory's work on journalism does not reflect journalism's work on memory. **Memory Studies**, 2008, p.79–87.

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo  
17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo  
Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiânia (GO) – Novembro de 2019  
.....

ZELIZER, Barbie. Memory as foreground, journalism as background. In: ZELIZER, Barbie, TENEMBOIM-WEINBLATT, Keren. (eds) **Journalism and Memory**. London: Palgrave Macmillan, 2014, p. 32–49.